

## Mulheres e narração de futebol: desafios de um ofício

Women and football's broadcasting: challenges of a trade

**Leonardo Turchi Pacheco**

Universidade Federal de Alfenas, Alfenas/MG, Brasil  
Doutorado em História Social da Cultura, UFMG  
leonardoturchi@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo refletir sobre os desafios da inserção de mulheres na narração esportiva (futebol). Para tal foram realizadas entrevistas com 48 jornalistas mulheres de quatro capitais brasileiras para compreender alguns dos motivos que fazem da cabine de transmissão de eventos esportivos um espaço de reserva masculina. Depreende-se dos depoimentos e percepções destas que o campo do jornalismo e da narração esportiva é marcado por desigualdades de gênero, onde a voz feminina é desvalorizada em oposição a voz masculina entendida como naturalmente ideal para desenvolver essa atividade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Voz; Narração esportiva; Futebol; Relação de gênero.

**ABSTRACT:** This article aims to reflect upon the challenges faced by female journalist throughout their insertions on the craft of sports broadcasting (football). To these intent 48 female journalists from four Brazilian capitals were approached and interviewed to understand some of the reasons that make the sports event broadcast booth a space reserved for men. It appears from their statements and perceptions that the field of journalism and sports broadcasting is characterized by gender inequalities. Hence, the female voice is devalued as opposed to the male voice understood as naturally ideal for developing this activity.

**KEYWORDS:** Voice; Sports broadcasting; Football; Gender relation.

## Introdução

O tema da inserção das mulheres no mundo dos esportes, as suas conquistas, desafios e dificuldades, tem sido objeto de pesquisa de várias áreas do campo das ciências humanas e sociais. Várias coletâneas de artigos tem abordado as experiências de mulheres em diversos espaços esportivos e suas adjacências: na prática do futebol, na arbitragem, trajetória de profissionais e amadoras,<sup>1</sup> no boxe, na natação,<sup>2</sup> na administração esportiva, no surfe, no hipismo e no jornalismo esportivo.<sup>3</sup> Não obstante, uma lacuna é perceptível: quase nenhum estudo aborda a inserção das mulheres no ofício da narração esportiva.<sup>4</sup>

O fato é que nos últimos anos, várias mulheres adentraram esse campo. Recentemente Renata Silveira narrou partidas da Copa do Mundo de futebol praticado por homens em uma emissora de televisão aberta – a Rede Globo de Televisão. A jornalista narrou, na Copa do Catar de 2022, as partidas Dinamarca *versus* Tunísia, Suíça *versus* Camarões, País de Galês *versus* Irã, Tunísia *versus* Austrália, Japão *versus* Costa Rica, Camarões *versus* Sérvia e Holanda *versus* Estados Unidos, entre outras.

Em 2018, na Copa da Rússia, Renata Silveira, Isabelly Moraes e Manuela Avelar narraram algumas partidas pelo canal de assinatura Fox Sports. Era a primeira vez na história que mulheres narravam jogos em Copas do Mundo. Antes disso, em 2017, Isabelly Moraes foi a primeira mulher a narrar jogos do Campeonato Brasileiro – ainda que partidas da segunda divisão e de uma equipe, então considerada a terceira força do Estado de Minas Gerais – em uma emissora de rádio pública.

Em todas essas ocasiões as emissoras alardearam o pioneirismo e do ineditismo da iniciativa indicando que prezavam pela equidade e neutralidade de gênero<sup>5</sup> na esfera do jornalismo esportivo, incluindo a narração. Apesar de ser uma conquista, o pioneirismo não está, necessariamente, atrelado à continuidade, a aceitação e o estabelecimento dessas mulheres no campo da narração esportiva do futebol. Isso porque esse espaço, tal qual o campo do jornalismo esportivo, é maio-

---

<sup>1</sup> KESSLER (Org.). *Mulheres na área*, 2016.

<sup>2</sup> KNIJNIK (Org.). *Gênero e esporte*, 2010.

<sup>3</sup> SIMÕES; KNIJNIK (Orgs.). *O mundo psicossocial da mulher no esporte*, 2004.

<sup>4</sup> PACHECO. *A palavra e a voz no futebol*, 2020.

<sup>5</sup> CONNELL. *Gênero em termos reais*, p. 84.

ritariamente masculino e as mulheres enfrentam desafios para se posicionar e superar uma infinidade de “tetos de vidro”.<sup>6</sup>

Nesse sentido, o estudo de Pacheco e Silva<sup>7</sup> evidenciou uma série de limitações e algumas possibilidades de mulheres se inserirem no campo do jornalismo esportivo em Belo Horizonte. Na perspectiva destes autores, a trajetória profissional dessas mulheres é caracterizada por deslocamentos: campo de trabalho restrito, o que as fazem procurar outras regiões para exercer a profissão. Pela instabilidade: campo de trabalho volátil e mal remunerado. Pela circulação entre as emissoras e redações da cidade de Belo Horizonte. Acrescenta-se a essas características os constrangimentos sexuais e morais que as excluem dos espaços proeminentes, como a de direção, e estipulam que desempenhem atividades pré-determinadas – entre elas, repórter de beira de campo, setoristas de clubes, apresentação de programas esportivos e mediação de mesa redonda.

Essas dificuldades não são características particulares a um contexto específico. Antes de mais nada se constituem em um padrão dos desafios históricos das mulheres na inserção no campo dos esportes<sup>8</sup> e das mídias que tratam de esportes no Brasil e no mundo.

Essas dificuldades e desigualdades são evocadas nos estudos de Hargreaves em situações geográficas diversas como a europeia, africana e oceânica:

The uneven balance between the sexes occurs in other areas of sports media as well – for example, although there are slowly increasing numbers of female radio and television sports presenters and commentators, the vast majority are still men and those in high-status positions are all men. With few exceptions, sports media professional reinforce rather than undermine gender inequalities. As we have seen, they do so by marginalizing women’s sports and by treating female athletes differently from male athletes. This is a systematic process and symbolic expression of a power relationship between the sexes. In general, media sports professionals reproduce prejudices upon which patriarchal structures and sexist ideologies are based. They construct for reader and viewers a sense of the reality of sports which is culturally encoded.<sup>9</sup>

<sup>6</sup> ACKER. *From glass ceiling to inequality regimes*, 2009.

<sup>7</sup> PACHECO; SILVA. *Mulheres e jornalismo esportivo*, 2020.

<sup>8</sup> GOELLNER. *Mulher esporte no Brasil*, 2004.

<sup>9</sup> HARGREAVES. *Sporting females*, p. 198.

Pois bem, apesar do crescente número de mulheres no campo do jornalismo esportivo, ainda há um desequilíbrio generificado nessa área, como faz crer a autora. Esse desequilíbrio, também ocorre nas cabines de transmissões de eventos esportivos. Poucas são as mulheres que se inserem e ocupam as cabines de transmissão de partidas de futebol nas emissoras de rádio e televisão. As comentaristas dos aspectos táticos e de arbitragem tem sido ouvidas com mais frequência nas transmissões do que as narradoras. Nesse aspecto, há um indicio de que a cabine de transmissão ainda é um espaço de reserva masculina nos esportes, e mais particularmente no futebol. Quiçá um dos últimos baluartes da autoridade masculina para definir a situação<sup>10</sup> – a realidade vivenciada da partida –, disciplinar olhares, manobrar tensões e criar a dinâmica do jogo.<sup>11</sup>

Em outros termos é na cabine de transmissão, através da performance dos atores sociais envolvidos, é que se cria o evento esportivo para o telespectador. Como argumenta Barnfield<sup>12</sup> é nesse espaço que narrador e comentarista “fazem o futebol”. Portanto é um espaço de poder que produz efeitos de nomear a realidade, através da fala, da linguagem, da voz, influenciando até mesmo o olhar e o que se está vendo na imagem ou se imaginando mediado pelo som. É isso que indica Bourdieu quando discorre sobre os efeitos das palavras quando utilizadas em reportagens e eventos esportivos televisivos:

É preciso palavras extraordinárias. De fato, paradoxalmente, o mundo da imagem é dominado pelas palavras. A foto não é nada sem a legenda que diz o que é preciso ler – *legendum* –, isto é, com muita frequência, lendas, que fazem ver qualquer coisa. Nomear, como se sabe, é fazer ver, é criar, levar à existência.<sup>13</sup>

Em suma, essas palavras extraordinárias são tradicionalmente enunciadas pela voz masculina nos eventos esportivos. E essa constatação evidencia um dilema: por que a voz feminina não é ouvida em narrações esportivas – e na narração de futebol? E esse dilema se desdobra em outro: tendo em conta a recente entrada de narradoras na cabine de transmissão quais obstáculos impedem que essa (s) voz (es) seja (m) ouvida (s) na narração esportiva?

<sup>10</sup> GASTALDO. “Os campeões do século”, 2006.

<sup>11</sup> TOLEDO. *Lógicas do futebol*, 2002.

<sup>12</sup> BARNFIELD. *Soccer, broadcasting, and narrative*, 2013

<sup>13</sup> BOURDIEU. *Sobre a televisão*, p.26.

Tendo em conta essa exposição inicial, este artigo tem por objetivo refletir sobre os desafios que marcam a inserção das mulheres e de suas vozes nas cabines de transmissão de futebol. Para alcançar esse propósito são utilizadas entrevistas semiestruturadas com 48 jornalistas que estavam trabalhando ou haviam trabalhado na área de esportes, cobrindo futebol em diversos meios de comunicação (emissoras de televisão, rádio, editoria de esportes em jornais, assessoria de comunicação de clubes de futebol e blogs) entre 2017 e 2018 nas cidades de Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Recife.<sup>14</sup>

Das 33 jornalistas de Belo Horizonte, duas eram fotógrafas, duas eram assessoras de equipes de futebol, uma era “blogueira”, quatro trabalhavam na editora de esporte de jornais, uma havia trabalhado em vários jornais, sete estavam trabalhando em rádios, duas haviam trabalhado em rádios, 12 trabalhavam em emissoras de televisão e outras duas haviam trabalhado em emissoras de televisão.

As sete entrevistadas de Recife, quatro trabalhavam em emissoras de televisão, uma em emissora de rádio, uma havia trabalhado em uma rádio e a outra havia trabalhado em um jornal da cidade. As demais jornalistas trabalhavam no eixo Rio-São Paulo, dessas oito, seis trabalhavam em emissoras de televisão, uma em uma rádio da cidade de São Paulo e uma havia trabalhado em um jornal esportivo de São Paulo.

A maioria das mulheres entrevistadas se declarou como possuindo cor da pele branca, somente quatro se declararam negras, outras seis pardas e uma se recusou a responder à pergunta. A faixa etária predominante variou entre 30 e 39 anos, em menor número entre 20 e 29 anos e poucas na faixa dos 40 aos 49 anos. As mulheres solteiras e como grau de escolaridade superior completo é maioria nesta

---

<sup>14</sup> Foram realizadas entrevistas com 33 jornalistas em Belo Horizonte, sete em Recife e oito entre São Paulo e Rio de Janeiro. É importante ressaltar que essas entrevistas foram realizadas para a minha pesquisa de estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – EFFTU – da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Para se chegar nesta amostragem foi necessário visitar a redação de um jornal localizado na cidade de Contagem, Minas Gerais. Nas visitas conheci uma jornalista e uma fotografa que cobria futebol. Elas me sugeriram jornalistas de suas redes de relações que poderiam ser entrevistadas e me autorizaram a mencionar seus nomes nos contatos de solicitação de entrevistas. Isso se repetiu com todas as interlocutoras. Essa estratégia permitiu que os contatos, que inicialmente eram somente da cidade de Belo Horizonte, fossem se espalhando para Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Ressalto que quando mobilizo os depoimentos das jornalistas utilizo de nomes fictícios para manter o anonimato destas interlocutoras.

amostra. Todas, sem exceção, se declararam heterossexuais. Apesar das interlocutoras terem ou estarem trabalhando cobrindo futebol no momento em que eu as entrevistei, nenhuma delas havia desempenhado o ofício de narradora esportiva: nunca haviam narrado (de maneira profissional) futebol e tampouco outro esporte.

No presente artigo, a metodologia interpretativa foi utilizada para analisar as narrativas das interlocutoras sobre a ausência de mulheres na narração de futebol. Nesta direção, procurou-se compreender os significados dos discursos emitidos pelas jornalistas, assim como as teias de sentido que estes se desdobravam.<sup>15</sup> Portanto, as falas destas mulheres foram abordadas de maneira interpretativa para se compreender a realidade social em que elas se inserem: “Um relato sobre a sociedade, portanto, é um dispositivo que consiste em declarações de fato, baseada em evidências aceitáveis para algum público, e interpretações desses fatos, igualmente aceitáveis para algum público”.<sup>16</sup>

Deste modo, o texto está dividido em dois tópicos. O primeiro enfoca as desigualdades de gênero, os aspectos da masculinidade e machismo engendrados no campo do jornalismo esportivo. Esses aspectos são percebidos pelas mulheres que escolhem essa profissão tornando-se um dos desafios para a inserção nessa área. O segundo desdobra essas desigualdades e reflete sobre os desafios a serem superados para que mais mulheres adentrem a cabine de transmissão esportiva. Nesse momento a abordagem evidencia os desafios que envolvem a percepção sobre a voz feminina para se adequar as normas do que se convencionou ser uma narração esportiva de qualidade. Nas considerações finais, registra-se uma série de indícios proveniente dos depoimentos das jornalistas que revelam que resistências e desconstruções são necessárias para que o acesso de mulheres ao ofício de narração esportiva seja mais inclusivo e possível de se concretizar.

### **ESPAÇO MASCULINO E O DESAFIO DE INSERÇÃO**

Como mencionado anteriormente, o campo profissional do jornalismo esportivo (e da narração esportiva) são espaços masculinos. Em uma pesquisa recente sobre mu-

---

<sup>15</sup> GEERTZ. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura, 1989.

<sup>16</sup> BECKER. Falando da sociedade, p. 26.

lheres no jornalismo brasileiro, Mazotte e Toste<sup>17</sup> verificaram a discrepância de gênero nas áreas de esporte, educação e tecnologia. No levantamento dessas autoras, essas são as áreas de predominante representação masculina. A percepção dessas autoras é similar à das 48 jornalistas por mim entrevistadas nas cidades de Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Recife. Estas ainda acrescentaram outro dado que suplementa este. No jornalismo esportivo predomina uma cultura machista.

Vigoya,<sup>18</sup> a partir de uma perspectiva decolonial, chama a atenção para sete eixos temáticos dos estudos sobre masculinidade na América Latina – nos termos da autora, *Nuestra América*. Em um desses eixos a autora indica que o mercado de trabalho, a despeito de suas transformações, é um espaço primordial para se entender a construção de identidades masculinas e a manutenção de certas ordens de gênero. Na leitura de Vigoya é característico da ordem de gênero nessas esferas que uma certa masculinidade seja empoderada com vantagens e privilégios compreendidos como “naturais”.

Esta autora não dá ênfase ao machismo nesse eixo em particular. Mas acredito que o machismo nas relações de trabalho não poder ser desconsiderado como uma maneira de exercer dominação e de desqualificar o desempenho das jornalistas. Creio que a linguagem, as “brincadeiras”, as posturas e posicionamentos dos jornalistas compõem um quadro que são associadas ao mundo masculino e contribuem para normalizar as práticas e os discursos machistas.

Sem dúvida é necessário chamar a atenção para a multiplicidade de experiências, práticas e discursos que compõem a masculinidade<sup>19</sup> – portanto, mundos masculinos, nem todos machistas – assim como para as formas de se praticar o futebol – os muitos “futebóis”.<sup>20</sup>

Mas, apesar dessa diversidade, o espaço do futebol espetáculo<sup>21</sup> e sua cobertura jornalística no Brasil, ainda é marcado por discursos e práticas masculinas hegemônicas – frequentemente associadas a posicionamentos conservadores, patriarcais, heteronormativos, homofóbicos e misóginos. Ora, é preciso questionar se

<sup>17</sup> MAZOTTE; TOSTE. *As mulheres no jornalismo brasileiro*, 2017.

<sup>18</sup> VIGOYA. *As cores da masculinidade*, 2018.

<sup>19</sup> KIESLING. *Men, masculinities, and language*, 2007.

<sup>20</sup> CAMARGO. *Dimensões de gênero e os múltiplos futebóis no Brasil*, 2020.

<sup>21</sup> DAMO. *Do dom a profissão*, 2007.

esses não seriam mecanismos de contra-ataque construídos por um discurso vitimário que enfoca a “crise de masculinidade” face a inserção de outros atores sociais em um ambiente outrora de reserva masculina. Um mal-estar da masculinidade que justificaria, através deste discursos preconceituosos, uma série de condutas impróprias, porém consideradas legítimas contra os outros da masculinidade.

Como faz crer Oliveira:

Tornava-se plausível perceber nesse núcleo argumentativo explicações que serviriam para esclarecer a propensão para a violência e agressividade masculina típica como até o racismo, passando pela dominação masculina sobre as mulheres, e também o desenvolvimento da capacidade de destruição da natureza e da própria espécie humana.<sup>22</sup>

Joliet (35 anos, branca, solteira), jornalista de Belo Horizonte, relata que [o jornalismo esportivo] “[...] é um ambiente muito machista, e escuto piadas machistas todo dia [...]”. A esse relato somam-se outros que indicam para as dificuldades em relação a hostilidade, intransigência, ridicularização e menosprezo que enfrentam as mulheres que escolhem esse campo de atuação, seja por parte de colegas de profissão, de atletas e dirigente e de torcedores.

Frequentes são as respostas ofensivas, a rispidez de técnicos. Clementina, (37 anos, branca, casada) interlocutora de Belo Horizonte, lembrou da maneira grosseira que o então técnico do Clube Atlético Mineiro, Emerson Leão, respondeu a seu questionamento em uma coletiva de imprensa: “Você está muito ácida. Nós ganhamos o jogo e você me faz essa pergunta. Vou te levar para tomar um sorvete de doce de leite, para ver se você fica mais doce”. Segundo a perspectiva desta jornalista, esta forma de responder não é verificada quando quem realiza a pergunta é um colega homem.

Em Recife, outra interlocutora teve uma experiência semelhante:

Eu lembro de uma situação que um treinador de futebol virou para mim numa coletiva de imprensa [...]. E aí ele tinha dito durante a semana que iria analisar o time que ia jogar contra o Sport e ia ver se depois deste jogo iria precisar de reforços ou não. Eu esperei assim, e o Náutico perdeu a partida. E depois na coletiva, todo mundo perguntando da partida, o que achou [...]. Eu virei para ele questionei: “você falou no meio da semana que iria averiguar o jogo, os jogadores depois desta partida para ver se ia pre-

---

<sup>22</sup> OLIVEIRA. A construção social da masculinidade, p. 180.



cisar de reforços ou não. E eu queria questionar de você, depois de ver este jogo se você vai precisar de reforços e quais áreas seriam o precisariam de reforços?”. Ele olhou pra mim e falou: “você está maluca ou não acompanha futebol. Porque eu não falei isso no meio da semana”.<sup>23</sup>

Frequentes são as abordagens deselegantes de jogadores e torcedores que as fazem alterar seu comportamento, sua postura corporal e maneiras de vestir. As jornalistas argumentaram que utilizam roupas largas, não se maquiam, não cumprimentam os jogadores com abraços ou beijos no rosto quando estão trabalhando nos centros de treinamentos ou no campo de futebol. Há um distanciamento corporal, uma transformação na conduta e um cuidado racional nas vestimentas de modo a delimitar a posição de profissional que trabalha no jornalismo cobrindo seriamente futebol.

Você é a única mulher num lugar onde só tem homem. E aí você tem que ir para um vestiário para poder fazer a entrevista no final da coisa. Eu ficava extremamente tímida e bem na minha. Até também por receio. Porque dependendo da minha postura isso podia gerar uma abertura e gerar uma interpretação diferente dos caras [...]. A gente acaba se revestindo de uma postura extremamente dura e fechada com receio disso. Com receio de que forma vão me ver [...]. Eu quero que eles me respeitem como uma profissional de futebol. Então eu tenho que vestir uma roupa que não instigue nada.<sup>24</sup>

Sobretudo há uma intenção por parte das jornalistas de impor respeito:

Com jogadores com frequência acontece assédio, né? [...]. É assédio porque são mulheres ali trabalhando. Quando eles acham interessante, eles procuram normalmente nas redes sociais. Eles mandam alguém falar. E na verdade eles tentam. Eu acho que assim que a gente, todas as repórteres que eu conheço impõe respeito, delimitam bem as coisas. Mas é muito difícil lidar com isso porque a gente tem que ter uma relação amistosa com eles, né? Com os jogadores e coma comissão técnica. Porque a gente está interessada numa entrevista, interessada em outras coisas. Então é uma condução muito difícil de tocar. Porque a gente precisa ser sutil, a gente precisa se impor. Mas a gente não pode causar uma inimizade. Está é uma tentativa, né? É bom lembrar que nem sempre é possível.<sup>25</sup>

Estes são os modos de impedir aproximações de caráter íntimo por parte de jogadores e técnicos. Quando estas aproximações ocorrem a estratégia utilizada é a de indicar que elas possuem companheiro, namorado, noivo ou marido como proteção

<sup>23</sup> Nara (25 anos, branca, solteira), jornalista interlocutora de Recife.

<sup>24</sup> Glória (37 anos, parda, solteira), jornalista interlocutora de Belo Horizonte.

<sup>25</sup> Odete (26 anos, parda, solteira), jornalista interlocutora de Recife.

contra as investidas. Mesmo que eles não existam, sejam inventados para escapar da situação, há o entendimento, por parte dos jogadores e técnicos, de que a negação se justifica com o comprometimento. Assim não há o risco de se perder a fonte de informação; o que de outra forma dificultaria ainda mais trabalho destas mulheres.

A queixa de assédio recai, principalmente, sobre o comportamento de jogadores e torcedores. Estes parecem não compreender a presença destas mulheres como sendo oriunda de atividade profissional: “Porque nós somos vistas como objeto. Porque as mulheres que vão para o campo estão lá para embelezar”.<sup>26</sup> É intrigante notar que esta aproximação íntima entre os colegas de trabalho não são percebidas como assédio, mas sim como “brincadeira”, “flerte do meio masculino”.

Os relatos queixosos sobre os colegas de profissão é outra. Entre os colegas é frequente que elas tenham sua competência questionada e sua capacidade desacreditada. O mesmo ocorre com seus conhecimentos que são deslegitimados e colocados à prova. Questionamento sobre a regra do impedimento, sobre a escalação de uma equipe clássica de décadas passadas, da autoria de um gol decisivo e seus detalhes são alguns dos desafios que os colegas de trabalhos as submetem. Se conseguem apurar notícias inéditas seus colegas homens questionam os meios para tal. Geralmente estes insinuem que houve troca de informações inéditas por favores sexuais, dizem elas em seus relatos. Se elas alcançam alguma posição de prestígio dentro da carreira. Isso não é reconhecido como sendo mérito e competência das jornalistas, mas fruto de troca de favores sexuais com chefes e superiores.

Através das narrativas das jornalistas compreende-se que as mulheres se inserem nesse campo como *outsiders*. Elas sofrem dos estigmas imputados aqueles que estão em desvantagem nas relações de poder de uma determinada configuração. Como diria Elias e Scotson

A estigmatização, como um aspecto da relação entre estabelecidos e *outsiders*, associa-se, muitas vezes, a um tipo específico de fantasia coletiva criado pelo grupo estabelecidos. Ela reflete e, ao mesmo tempo, justifica a versão – o preconceito – que seus membros sentem perante os que compõem o grupo *outsider*.<sup>27</sup>

<sup>26</sup> Rita (31 anos, não informou, solteira), jornalista interlocutora de Belo Horizonte.

<sup>27</sup> ELIAS; SCOTSON. *Os estabelecidos e os outsiders*, p. 35.

Como se verá mais adiante, a pouca inserção dessas mulheres será justificada pela falta de iniciativa delas próprias, ou então, no caso da narração, por conta da agudez natural de suas vozes que as desqualificam para a narração. Estigmas anunciados e reforçados por atores dentro da profissão e reproduzido e reforçados, em alguns casos, pelas próprias jornalistas.

Nesse momento é importante evidenciar divergências entre as jornalistas que adentram e seguem carreira nesse campo profissional. Por um lado, reconhece-se o machismo e a reserva masculina da profissão. Mas nega-se ou relativiza-se que, por ser um campo de reserva masculina, as mulheres tenham maiores dificuldades de se inserir e ascender na carreira. Predomina o discurso do mérito, esforço individual para a ascensão e do fracasso individual; das falhas individuais para a estagnação. Ao mesmo tempo em que se justifica a ausência de mulheres jornalistas pela falta de interesse e falta de paixão pelos esportes, especialmente o futebol.

Nesse sentido, uma profissional que trabalha em uma emissora de rádio em Belo Horizonte enfoca a questão do mérito e das faltas individuais no que concerne a inserção das mulheres no campo do jornalismo esportivo que cobre futebol:

Nosso mercado é muito pequeno [...], hoje, mais do que cinco anos atrás, o mercado feminino está invadindo o futebol; muito mais do que antes. Hoje nós temos mulher [...] dirigindo uma equipe de esportes de uma empresa [de comunicação] super tradicional [...]. É um mundo ainda muito machista, mas no nosso mercado hoje nós temos mulheres na Federação Mineira de Futebol, nas tevês, ancorando os programas, nós temos mulheres repórteres, nós temos narradoras em São Paulo, a Globo está preparando uma narradora para narrar futebol. Por que que isso acontece? [Pouca inserção] Eu acho que a culpa principal é das mulheres, sabe? Porque por exemplo eu poderia não ter aceitado o convite [do empregador], por medo, por pensar que a mulher é incompetente [...] eu acho que a culpa é da mulher por não aproveitar o mercado, por não se interessar. Tem várias pessoas que falam: “mas por que você acha que não despontam?” Porque não procuram se despontar. Eu tenho que provar que no cargo que eu ocupo eu preciso ser melhor do que o homem que estava antes de mim. Porque se eu não for boa, tanto quanto ou mais do que ele, vai vir qualquer outra pessoa ou mulher ou homem e vai ocupar meu cargo. Então vai depender muito de mim. Então a culpa é muito das mulheres. Ah, mas esse é um mercado muito masculino, mas não se preocupam, não adquirem conhecimento, não entram no mundo com toda força e toda a coragem.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Amélia (44 anos, parda, casada), jornalista interlocutora de Belo Horizonte.

Na mesma direção, outra jornalista de Belo Horizonte que trabalha em uma emissora de televisão, tem uma perspectiva bastante parecida no que concerne ao interesse das mulheres para trabalhar com o futebol:

Bom, eu acho que ele [jornalismo esportivo] é um segmento específico, né. A gente sabe que tem um crescimento. Mas acho que é uma coisa cultural. E vem do gosto mesmo [...] se você conversar com várias mulheres, eu acho que. Por exemplo eu tenho uma turma de amigas, de dez eu e mais uma nos interessamos por futebol. Eu acho que na hora de você escolher algo tão específico para sua carreira, também, você tende a ir para uma coisa que você também tenha uma afinidade. Eu acho que é um pouco disso também. Eu acho que tem toda a questão que tem uma dificuldade, tem um preconceito. Que é uma profissão predominantemente masculina. Mas eu acho que também faz parte da escolha. Eu acho que se você perguntar para várias jornalistas que estão aí formando ou acabaram de se formar, talvez muitas delas vão te falar que não tem interesse por futebol.<sup>29</sup>

Por outro lado, e essa foi o argumento da grande maioria dos relatos, a estrutura do campo – o machismo intrínseco e a reserva masculina – limitam a inserção em determinados espaços e a ascensão a postos de chefia e gestão por parte das mulheres. Nessa perspectiva haveria “tetos de vidros” – barreiras da própria profissão – que não obstante a vontade, interesse e competência dessas mulheres seriam impeditivos para a progressão de suas carreiras. Essas narrativas revelam que para ocuparem vários destes espaços, às mulheres é necessário a conformidade com as normas de uma masculinidade hegemônica e suas práticas machistas. Não há dúvidas que essas normas são negociadas no cotidiano e que há resistências a essas relações de poder constituídas. Este embate se constitui como um dos desafios da inserção das mulheres no jornalismo esportivo e da transformação da própria esfera de trabalho.

#### **A VOZ DO *STATUS QUO*: OUTRO DESAFIO**

No espaço da cabine de transmissão é a linguagem e a voz masculina que se faz estabelecida. A Linguagem e a voz masculina não são percebidas, pois são compreendidas com a forma neutra de posicionar, se falar e de narrar a realidade social. É

---

<sup>29</sup> Leyla (32 anos, branca, solteira), jornalista interlocutora de Belo Horizonte.

a linguagem do *status quo*; enraizada no cotidiano e tida como normal. É isso que argumenta Lakoff em *Language war* e acrescenta Spender em *Man made language*: a linguagem, e conseqüentemente a voz das mulheres, nos espaços estabelecidos pelo privilégio masculino, são percebidas como fora da ordem, deficientes e anormais. Essa desqualificação se dá de maneira a negar a autoridade, a seriedade, a convicção e a força do argumento e da vocalização das mulheres. E essas desqualificações são vinculadas às mulheres que fazem da narração esportiva a sua ocupação profissional.

É bastante significativo que a percepção das próprias jornalistas indique para as inadequações de uma narração realizada por vozes de mulheres. Como também é significativo que essas pretensas inadequações preestabeleçam um modo convencional e correto de narração esportiva antecipando a exclusão das mulheres desses espaços.

Julietta de São Paulo entende que:

Primeiro muita mulher tem voz aguda, mais aguda e isso se torna irritante para você ter um ritmo de narração. Por mais que hoje em dia para TV e para rádio as pessoas não apostam em vozes bonitas assim, mais no conteúdo e na forma. Ainda assim uma voz irritante faz total diferença. E isso é um preconceito que ninguém vai querer encarar, pois sabe que vai dar muito trabalho para tentar modificar. Até comentar já é difícil. Imagina ter essa posição central numa transmissão.<sup>30</sup>

Maria Betânia de Recife acrescenta que:

Comentarista como eu já falei, é bem difícil, é bem complicado ir bem. Ai assim, volto ao ponto rádio, assim. Especialmente rádio é ainda mais complicado. Acho que narrador tem que ter um trabalho de [inaudível] e cultura muito grande. Porque a voz da mulher por natureza é um pouco mais anasalada, é um pouco mais [inaudível]. [...] Uma voz mais forte, uma voz mais empostada, uma voz mais firme. Uma voz que puxa as palavras e alonga as palavras. Coisa que para a mulher ela tem que fazer um trabalho de fonoaudiólogo muito específico para que homem aceite, para isso. [...] Para mim, tudo continua sendo cultura, não é assim que eu costumo entender futebol, o homem pensa né. O cara, eu não escuto mulher falando de futebol, não soa pra mim legal. [...] A audição é um sensor muito forte no mundo do futebol. [...] Então a força da voz [...], a mulher tem uma característica física que precisaria ser trabalhada e moldada. [...] E brasileiro é essencialmente muito preconceituoso. É uma mudança

<sup>30</sup> Julieta: (31 anos, branca, solteira), jornalista interlocutora de São Paulo.

de cultura. [...] Tudo dá para aprender, mas principalmente narração você tem que vir com o dom, vir com uma coisa diferenciada.<sup>31</sup>

Seguindo a mesma direção Clementina de Belo Horizonte explica que:

E uma outra questão que eu já conversei na época da rádio e é uma opinião minha que deve ser analisada. Eu acho que o timbre de voz feminino para narrar futebol tem que ser um timbre que não seja muito agudo pelas características da narração. [...] Você fica noventa minutos escutando uma pessoa narrando o tempo inteiro o que está acontecendo. Principalmente no caso do rádio, né? na televisão não é tão intenso assim. Mas eu, por exemplo, achava minha voz aguda e achava que isso seria mais cansativo. Eu tentava trabalhar para a minha voz não ficar cansativa pro ouvido mesmo.<sup>32</sup>

É importante destacar três questões nesses depoimentos. A primeira questão se refere à modulação da voz; a segunda está ligada ao gosto da audiência e a terceira a oposição entre talento e aprendizagem.

Nos depoimentos há o argumento da naturalização da voz feminina como “anasalada”, “fraca” e “aguda”, e, portanto irritante. Mas, autoras que escreveram sobre entonação, timbre e linguagem apontam para essas características como sendo construídas social e culturalmente.<sup>33</sup> Spender<sup>34</sup> resgata uma série de estudos para revelar que a entonação não é algo natural, mas algo apreendido. As mulheres são encorajadas na sua socialização a falar em um determinado tom de voz, assim como os homens são encorajados a se afastar deste timbre e se aproximar de um timbre mais grave. E mesmo homens com o tom de voz mais agudo não são considerados desagradáveis. Portanto, essa autora não compreende que a questão da irritabilidade com a voz feminina seja o tom da voz. O tom da voz é uma pantomina utilizada como sendo uma “justificativa objetiva” para desqualificar e excluir mulheres de espaços específicos e de lugares de fala.

Essa argumentação chama a atenção para a hierarquia de gênero que se produz através de discursos que utilizam da categoria natureza para justificar desigualdades culturalmente construídas. Herzfeld,<sup>35</sup> em uma perspectiva antropológica, reflete como os sentidos são arenas de ação – para conservação de privilégios

<sup>31</sup> Maria Betânia (39 anos, branca, casada), jornalista interlocutora de Recife.

<sup>32</sup> Clementina (37 anos, branca, casada), jornalista interlocutora de Belo Horizonte.

<sup>33</sup> MCCONNELL-GINET. *Intonation in a man's world*, 1978.

<sup>34</sup> SPENDER. *Man made language*, 1990.

<sup>35</sup> HERZFELD. *Antropologia*, 2014.

e práticas de dominação, por exemplo. Assim, esse autor atenta para a hierarquização dos comportamentos sensoriais e códigos sociais que regem a aceitabilidade e a classificação dos sentidos. Na sociedade ocidental, a hierarquia sensorial passa pela oposição natureza e cultura e se desdobra em sensações percebidas como masculinas e femininas. Deste modo o odor, o tato e o gosto são sensações compreendidas como mais próxima da natureza e da feminilidade, portanto não tão valorizadas quanto o olhar e o ouvir, sensações ligadas a cultura e a racionalidade, mais próximas da masculinidade e portanto superiores. Classen,<sup>36</sup> em uma perspectiva histórica, compreende as sensações na mesma direção. Para essa autora, como são construções simbólicas historicamente construídas, a percepção e as ideias sobre as sensações refletem hierarquias e posições políticas que interseccionam as categorias de gênero, raça, classe social, entre outras.

A segunda questão se refere ao gosto e está intimamente relacionada com a hierarquização das sensações agradáveis ao ouvido. Ao explorar o gosto de classe e o estilo de vida, Bourdieu<sup>37</sup> revela que as preferências individuais são de fato enquadramentos coletivos e arbitrários. Segundo esse autor, determinadas normas e convenções são reproduzidas pela educação (no caso na narração, a voz masculina tradicionalmente ouvida em quase todas as transmissões) e conformam os gostos de uma audiência. É sempre relevante enfatizar o aumento da participação feminina nas esferas ligadas aos esportes. Não obstante esse aumento da presença de mulheres, a audiência do futebol espetáculo praticado por homens, ainda é majoritariamente masculina.

Nesse sentido, a voz masculina se apresenta como norma de narração. Ademais, é essa a voz, entendida como neutra, que aparece como critério de julgamento para estabelecer o valor estético da narração feminina. Se se levar em consideração os depoimentos das jornalistas entrevistadas essa é a pista a ser seguida para compreender o gosto dos ouvintes em relação a voz feminina. Por isso gostaria de enfatizar que não é somente um estranhamento de uma voz com características não compreendidas pela norma que aqui se verifica. Mas sim uma questão política. Pois indica que o gosto convencionalizado como a maneira correta de se usu-

---

<sup>36</sup> CLASSEN. *Engendering perception*, 1997.

<sup>37</sup> BOURDIEU. *A distinção*, 2013.

fruir de uma narração esportiva contribui para manter privilégios entre os semelhantes e estigmatizar as diferenças fazendo da experiência estética a “expressão distintiva de uma posição privilegiada” e a “absolutização da diferença”.<sup>38</sup>

Por este ângulo a voz masculina entoada, preferencialmente, por homens conformaria o gosto de uma audiência masculina, acrescentada por ouvintes mulheres que reconhecem, reproduzem e contribuem para manter o privilégio de uma área de reserva masculina. Essa voz, pelo critérios estéticos estabelecidos pela tradição masculina soaria como música, ao passo que o gosto da emissão sonora da voz feminina soaria como ruído. Nas palavras de Le Breton, essa seria a “língua da alteridade”<sup>39</sup> ou como quer Seeger, quando explora a comunicação sonora e seus efeitos na relação *sons-performer*-audiência: “como muitos de nós sabemos por nossas próprias experiências pessoais, a música de uma pessoa pode ser o ruído de outra”.<sup>40</sup>

Por fim, é no mínimo curioso que na apreciação das jornalistas o talento se apresenta afastado da aprendizagem. A execução de um ofício – como a narração esportiva – com excelência não parece estar ligada ao esforço e ao trabalho de uma aprendizagem constante. Nesse entendimento o dom, como talento é inato e pode ser associado a qualidades individuais que distinguem o “gênio” da pessoa comum. O talento é algo que se “têm”: uma “propriedade” intransferível, “uma qualidade imanente” da pessoa que o possui.<sup>41</sup>

Ora, Mauss é um dos autores que joga por terra essas argumentações. Este autor evidencia aproximação desses termos: tanto talento e aprendizagem, quanto qualidades individuais e coletivas. Quando aborda as técnicas corporais e os *habitus* corporais adquiridos por imitação prestigiosa, Mauss entrelaça talento a aprendizagem na medida em que indica:

Esses “hábitos” variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição.<sup>42</sup>

<sup>38</sup> BOURDIEU. *A distinção*, p. 56-57.

<sup>39</sup> LE BRETON. *Antropologia dos sentidos*, p. 158.

<sup>40</sup> SEEGER. *Etnografia da música*, p. 239.

<sup>41</sup> HERZFELD. *Antropologia*, p. 351.

<sup>42</sup> MAUSS. *As técnicas do corpo*, p. 404.



Em outro registro, Elias contribui com essa argumentação quando revela como até mesmo um “gênio” da qualidade de Mozart que possuía “rara sensibilidade auditiva”<sup>43</sup> aprendeu as técnicas de música por meio da socialização obsessiva paterna na intenção de “fazê-lo grande através da disciplina e do trabalho incessante”.<sup>44</sup>

Nos depoimentos colhidos, tudo se passa como se o talento fosse a única característica importante para exercer a função de narrador de futebol. Algo que delimitasse de antemão quem pode e quem não pode entrar numa cabine de transmissão. O talento é percebido como uma característica positiva, o mesmo não parece acontecer com a aprendizagem, a técnica. Esta vista de maneira isolada não dá conta de cumprir sua função de formadora de narradores de futebol. O talento parece se desprender da aprendizagem técnica. Como se ele se bastasse e a técnica aparecesse, somente como algo adjacente, ou seja, uma maneira de melhorar e consolidar a percepção dessa condição inata que é o talento. Como foi enfatizado em um dos depoimentos acima: “Tudo dá para aprender, mas principalmente narração você tem que vir com o dom, vir com uma coisa diferenciada”.

Percepção que contribui para deixar as mulheres ainda mais excluídas do ofício, já que são os homens que possuem o talento “natural” para a narração e por isso são mais hábeis para exercê-la. Quanto as mulheres; estas precisam trabalhar a técnica se assim quiserem desempenhar esse ofício. Para elas é necessário aprendizagem em múltiplos níveis. A performance vocal é uma dessas aprendizagens que as aproximam da superioridade natural da performance masculina. Mas não somente a “performance vocal [...], a técnica e precisão na descrição das jogadas, narrações mais comprometidas com o fundamento do jogo [...]”,<sup>45</sup> demanda trabalho de aprendizagem, como também o auxílio de uma série de profissionais da saúde para manipular uma pretensa essência negativa vocálica feminina em uma prestigiosa vocalização, também entendida como essência natural masculina. Tudo isso em nome de outro trabalho: a superação do preconceito e da consequente desvalorização das mulheres no campo da narração esportiva. Portanto um tra-

---

<sup>43</sup> ELIAS. *Mozart*, p. 70.

<sup>44</sup> ELIAS. *Mozart*, p. 75.

<sup>45</sup> TOLEDO. *Lógicas do futebol*, p. 199.

balho que agrega negociação, resistência e convencimento para a ocupação do “lugar central da transmissão”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abu-Lugod<sup>46</sup> dedica-se a revelar a vivacidade, o estilo e a dinâmica de contar histórias das mulheres beduínas. Essas vozes femininas aparecem representadas em seu trabalho etnográfico de forma particular, parcial, posicionada e relacional. Isso porque são experiências de mulheres específicas em suas relações com indivíduos – homens e mulheres; também posicionados em diversas instituições sociais.

Esse artigo guarda semelhanças com a política de representação de Abu-Lugod. As vozes das mulheres jornalistas também são enfocadas de maneira particulares e parciais. Não foram entrevistadas todas as mulheres que exercem a profissão nem em Belo Horizonte, Recife, São Paulo e Rio de Janeiro, somente um fragmento delas. Assim, como seus depoimentos refletem experiências parciais e posicionadas. Deste modo, não é possível fazer generalizações sobre as percepções destas mulheres sobre a voz feminina na narração e tampouco os desafios enfrentados pelas mulheres que engajam nesse ofício.

O que se tem são indícios. Pistas sobre as percepções e desafios enfrentados. Desta forma é possível afirmar que o campo do jornalismo esportivo é hostil para as mulheres e a cabine de transmissão é considerada como um espaço de privilégio e de poder do uso da voz masculina. Nessa direção é possível afirmar que um dos desafios a se encarar está associado ao machismo cotidiano desse campo. A resistência passa inicialmente no desmonte dos discursos e práticas machistas no ambiente de trabalho e se desdobrar na transformação da estrutura de desigualdades generificadas há muito enraizadas nesse ofício.

Outro desafio é o da desconstrução da naturalização da voz masculina como norma para a narração esportiva. Faz-se necessário o desmonte dos dispositivos de poder que determinam que as vozes femininas são irritáveis, cansativas, barulhentas. É preciso insistir que a voz masculina naturalmente ideal e essencialmente

---

<sup>46</sup> ABU-LUGOD. *A escrita dos mundos de mulheres*, 2022.

talentosa para exercer o ofício de narração é na verdade uma construção cultural que se desdobra em hierarquizações, manutenção de privilégios e desigualdades historicamente estabelecidos. Finalmente é preciso desmitificar o talento, associado com a ideia-valor, do “gênio”, algo inato e intransferível, e apontar para a característica menos limitante e mais inclusiva da aprendizagem de um ofício, que no caso depende do desenvolvimento de técnicas corporais – respiração, dicção, oratória e memorização – para ser desenvolvido.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

- ABU-LUGOD, Lila. **A escrita dos mundos de mulheres**: histórias beduínas. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2022.
- ACKER, Joan. From glass ceiling to inequality regimes. **Sociologie du Travail**, 51, p. 199-217, 2009.
- BARNFIELD, Andrew. Soccer, broadcasting, and narrative: on televising a live soccer match. **Communication & Sports**, v. 1, n. 4, p. 326-341, 2013. Disponível em: [sagepub.com](http://sagepub.com). Acesso em: 10 fev. 2023.
- BECKER, Howard. Falando da sociedade. In: \_\_\_\_\_. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 15-28.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2013.
- CAMARGO, Wagner Xavier de. Dimensões de gênero e os múltiplos futebóis no Brasil. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020, p. 589-604.
- CLASSEN, Constance. Engendering perception: gender ideologies and sensory hierarchies in western history. **Body & Society**, v. 3, n. 2, p. 1-19, 1997.
- CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom a profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores/ANPOCS, 2007.

ELIAS, Norbert. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

GASTALDO, Édison. “Os campeões do século”: notas sobre a definição da realidade no futebol espetáculo. In: GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni Lahud. (Orgs.). **Nações em campo**: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006, p. 15-38.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: \_\_\_\_\_. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 13-44.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher esporte no Brasil: fragmentos de uma história generificada. In: SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte**: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph, 2004, p. 359-374.

HARGREAVES, Jennifer. **Sporting females**: critical issues in the history and sociology of women’s sports. London/New York: Routledge, 1994.

HERZFELD, Michael. **Antropologia**: prática teórica na cultura e na sociedade. Petrópolis: Vozes, 2014.

KESSLER, Cláudia Samuel. (Org.). **Mulheres na área**: gênero, diversidade e inserções no futebol. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

KIESLING, Scott. Men, masculinities, and language. **Language and Linguistics Compass**, v. 1, Issue 6, p. 653-673, 2007.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. (Org.). **Gênero e esporte**: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: APICURI, 2010.

LAKOFF, Robin Tolmach. **The language war**. Berkeley: University of California Press, 2000.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. São Paulo: Vozes, 2016.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 399-422.

MAZOTTE, Natália; TOSTE, Mônica. (Coords.). **Mulheres no jornalismo brasileiro**. São Paulo: ABRAJI/Gênero e Número, 2017. Disponível em <https://encurtador.com.br/abvEI>. Acesso em: 17 jun. 2019.

MCCONNELL-GINET, Sally. Intonation in a man’s world. **Signs**, v. 3, n. 3, p. 541-559, 1978.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora UFMG/IUPERJ, 2004.

PACHECO, Leonardo Turchi, SILVA, Silvio Ricardo da. Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 28, e61002, p. 1-14, 2020.

PACHECO, Leonardo Turchi. A palavra e a voz no futebol: apontamentos sobre mulheres e narração esportiva. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020, p. 640-651.

SEEGER, Anthony. Etnografia da música. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 17, p. 237-260, 2008.

SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman. (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004.

SPENDER, Dale. **Man made language**. London: Pandora Press, 1990.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas do futebol**. São Paulo: Editora Hucitec/Fapesp, 2002.

VIGOYA, Mara Viveiros. **As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

\* \* \*

Recebido em: 15 mar. 2023.

Aprovado em: 20 jun. 2023.